
RESENHAS

A DIALÉTICA DA IDENTIDADE NO MOVIMENTO SOCIAL DO CAMPO¹

*Antonio Maciel Botelho Machado*²

CASTELO BRANCO, M. T. **Jovens Sem-Terra: identidades em movimento.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. 176p.

Após um processo de organização de centenas de famílias em vários municípios do Estado de São Paulo, a ‘frente de massas’ do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – articula a ocupação da Fazenda Ipanema. Foram 4 anos de acampamento, embaixo de lonas pretas, até o momento em que o Estado reconhece a área como um assentamento rural; mais um tempo para os estudos, a medição e o parcelamento da terra; por fim, a transferência das famílias do acampamento para os lotes definitivos, que se deu a partir de 1996.

O livro *Jovens Sem-Terra: identidades em movimento*, de Maria Teresa Castelo Branco, baseado em sua tese de doutoramento defendida em 1999, no curso de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, tem como palco o assentamento da Fazenda Ipanema, em Iperó, SP, e como atores, os jovens, com faixa etária entre 12 e 26 anos, que, por terem acompanhado suas famílias no processo de ocupação de terras com vistas à conquista de um “chão pra plantar e pra morar”, se encontraram em um novo lugar social – tornaram-se assentados da reforma agrária. A trama (as três categorias analisadas) foi o desvendamento das relações dialéticas entre a identidade, a juventude e o movimento social.

¹ Aceito para publicação em setembro de 2003.

² Engenheiro agrônomo, M.Sc. em Ciências Florestais, pesquisador da Embrapa Florestas. E-mail: amaciel@embrapa.br

A identidade, abordada pela autora, não é apenas a resposta do ‘quem sou eu?’ para um indivíduo, ou ‘quem somos nós?’, para um determinado grupo social. Aliás, o que se pensa que se é não se coloca de forma estável ou estática, em função do dinamismo da vida e da turbulência de nossa sociedade. O que pensamos que somos se contrapõe às representações que o ‘outro’ tem de ‘mim’ ou de ‘nós’. Assim o ‘eu’ e o ‘nós’ não existem fora da representação do ‘outro’. A dinâmica de um grupo social vai ser mediada na relação dialética do ‘outro’ que está fora. A escola, as pessoas da cidade vizinha, os agentes de extensão, o padre visitante, o pesquisador da Embrapa... podem ser o ‘outro’ que vai participar da trama das relações vividas no cotidiano ou contexto social do grupo social (nesse estudo, o assentamento rural). E é nesse movimento dialético das relações que vão se formando as diferentes identidades que só poderão ser desvendadas “no jogo contraditório das concepções sobre o genérico e o particular, em que indivíduo e sociedade se interpenetram”.

O novo papel que passou a ser vivido pelos jovens no processo de formação do assentamento trouxe conflitos e desafios e imprimiu a construção de diferentes formas de interações sociais. A maneira como esses jovens passaram a se relacionar entre si e com os outros determinou identidades que foram sendo construídas nessas relações. As condições objetivas para esses jovens assentados são suas histórias pessoais e coletivas. Seus contextos são “saturados de significações sociais e (re)significados na prática” individual e coletiva.

Nessa discussão teórica, Maria Teresa navega nas teorias dos soviéticos Bakhtin, Leontiev e Vigotsky, psicólogos que, no espaço do materialismo histórico, procuraram estabelecer os nexos dos processos de formação da consciência e da personalidade com a atividade social desenvolvida. Por meio de um desenho metodológico da pesquisa participante, ela nos coloca de frente com teóricos da Educação Popular e da Pesquisa-Ação, como Paulo Freire, Michel Thiollent, Carlos Rodrigues Brandão e João Bosco Pinto (este último encontrava-se como consultor de um projeto da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa – quando veio a falecer).

O contato com outras formas de tecnologias, informações e conhecimentos pelos jovens, durante as discussões e dinâmicas de grupo no processo da pesquisa participante, expôs esses jovens a outras alternativas na organização social e na forma tradicional da produção agrícola praticadas pelos adultos

do assentamento, o que fez construir um sentimento de pertencimento interno ao grupo, porém, engendrou contradições, pois não tinham apoio para desenvolver seus projetos.

Para nós, pesquisadores da questão agropecuária, que nos deparamos com situações semelhantes ao assentamento da Fazenda Ipanema, com atores camponeses que constroem representações e identidades na relação com nossas atividades, o livro de Maria Teresa é de grande importância para a compreensão da dimensão psicossocial das relações no campo.

O processo de construção da identidade estudado pela autora nos aproxima de contextos reais vividos num assentamento do MST, fato que remete os leitores deste livro a desmistificar muitas visões preconceituosas que se constroem a partir de informações “ideologizadas” que nos chegam pela mídia e que expressam o ponto de vista dos grupos hegemônicos da sociedade.

Na fala de um dos jovens protagonistas da pesquisa, pode-se perceber como a “ideologização” da luta pela terra através da mídia é vista por quem está de dentro do processo:

“...é porque a televisão transmite o que é os Sem-Terra. Eles não passam uma coisa boa. Eles falam é um bando de não sei o quê, bagunceiro, baderneiro, ladrão. Então, a maioria que assiste, escuta aí e quando você chega assim: ‘eu sou Sem-Terra’, é a mesma coisa que tá falando ‘eu sou ladrão’. É a ideologia que transmite isso”, diz o jovem Gabriel.

A partir dos diálogos apresentados no livro, percebe-se que a ocupação da terra e a luta pela reforma agrária, na representação desses jovens, é uma saída para tornar digno o próprio trabalho e melhorar toda a sociedade. Porém, entre esse ideal e as oportunidades reais de objetivá-los, aparece um enorme fosso que os “tornam dúbios nas suas ações: algumas voltadas para um destino camponês e outras que buscam saídas fora dele”, interpreta a autora.

Sobre seus futuros, traçam sonhos ancorados na experiência do assentamento, mas que exigiriam preparação externa e reorganização interna dos processos de produção para que pudessem ser absorvidos como profissionais no campo: trabalhos com computador; ser professora; ser veterinário; ser administrador; ser advogado seriam possíveis, por exemplo, na cooperativa que tanto almejavam.

A jovem Maria sintetiza: “A gente veio pra cá para ter um futuro melhor, uma vida mais boa. Quero formar pra trabalhar aqui. Quero ficar perto da minha mãe. Posso ser agrônoma.”

Campo e cidade se ligam e se alternam como espaços sociais para os jovens. Eles têm consciência das dificuldades e da dureza atual do trabalho na lavoura e dos investimentos que a terra exige e vêem a cidade como sustentação de projetos de vida rural, que, nas condições atuais, não serão para os que vão em busca dos recursos.

A autora esclarece: “O espaço-tempo construído coletivamente delimita, hoje, o que está ‘dentro’ e o que está ‘fora’ para a identidade. De ‘dentro’ é que puderam ver o mundo que, para eles, está ‘fora’. Mas é de ‘fora’ que acreditam poder encontrar recursos para se manterem como ‘de dentro’ ou os que ‘estarão dentro’”.

‘Dentro’ para eles é o lugar conquistado, a Fazenda Ipanema, que se expande quando se colocam no espaço mais amplo da organização, que é o MST. ‘De fora’, são as pessoas das cidades próximas, da escola, o que aparece na televisão, nos anúncios, na música com as quais convivem nos seus cotidianos.

A autora teve que percorrer o cotidiano dos jovens, que englobou tanto o que se relacionava ao espaço ‘de dentro’ como o ‘de fora’, com todas as suas significações, para desvendar as identidades em movimento. O método participativo explicitou a existência de algumas regiões nesse cotidiano. Essas regiões se caracterizam como lugares onde os jovens estabelecem relações, cumprem papéis e fomentam expectativas em relação àqueles com os quais convivem e deles esperam ações e reações.

A autora organizou encontros que se caracterizaram por dinâmicas de grupos e técnicas de sociodrama e dramatização, com o objetivo de decodificação e reapresentação do real de forma crítica e criativa. Nessas dinâmicas, apareceram as conexões de sentido existentes entre as regiões do cotidiano dos jovens, expressando os significados que se apresentavam como centrais na organização de suas experiências. Na análise dos discursos que apareceram nas dinâmicas de grupo e nas entrevistas, foram, então, identificados eixos aglutinadores de significações em torno de questões muito fortes para eles: do reconhecimento social, da valorização pela comunidade e do MST e do sentimento de ‘pertença’ aos grupos locais.

No final do livro, a autora apresenta um modelo de análise da identidade a partir da contribuição de vários autores, dentro de uma perspectiva sócio-histórica que se construiu após a fase de campo da pesquisa. O método dialético utilizado partiu de uma síntese inicial precária da realidade; segue pela análise das partes constituintes da realidade e termina com a construção de uma síntese mais ampla e a compreensão mais profunda sobre a produção da identidade dos jovens nessa situação de assentamento.

As Fig. 1 e 2 representam o esquema utilizado pela autora para demonstrar, sinteticamente, um modelo de análise inovador para o estudo da produção da identidade.

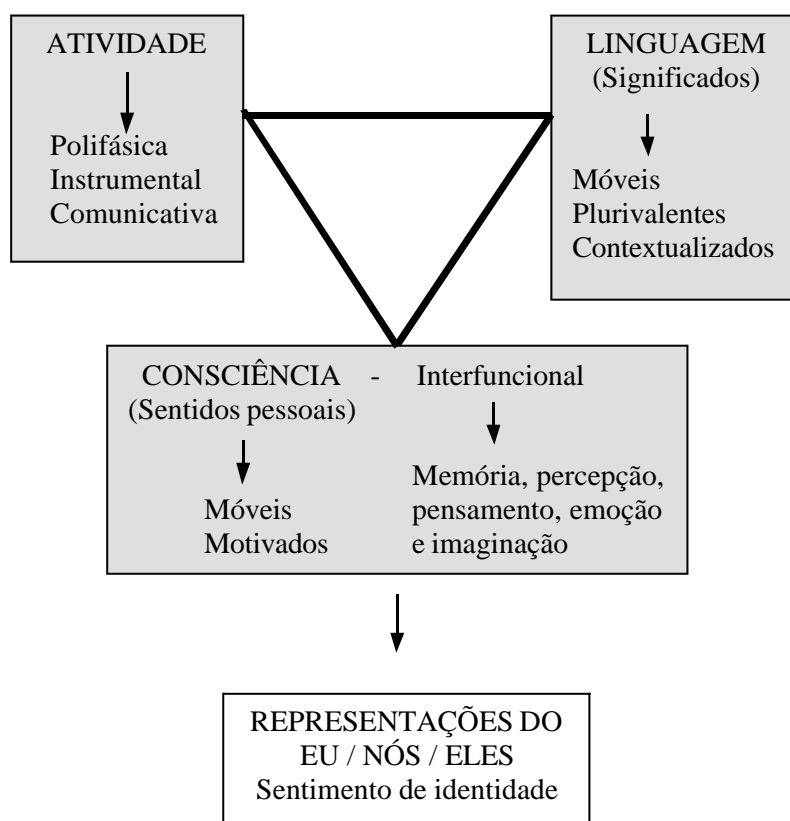


Fig. 1. Processo geral de construção da identidade.

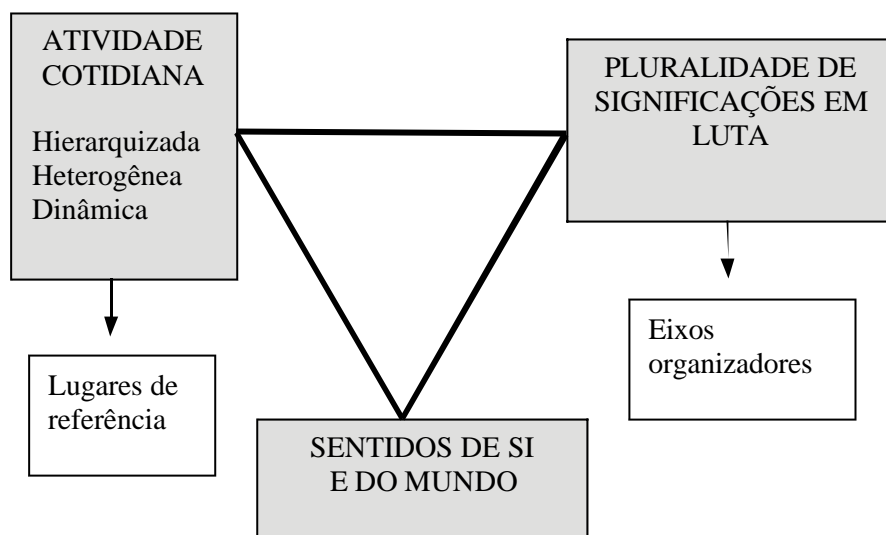


Fig. 2. A identidade na vida cotidiana.

Segundo Maria Teresa, “buscou-se conhecer como se estruturava a atividade cotidiana e, a partir deste ponto, descobrir os lugares de referência da identidade dos jovens em questão”. Seu pressuposto foi de que “apreendendo-se a conexão entre os eixos aglutinadores de significação, realizada na atividade dos sujeitos, seria possível compreender aspectos de um processo inacabado de produção da identidade”, o que justifica o título do livro em questão.

Para terminar o comentário sobre essa obra, não poderia deixar de reconhecer a forma rigorosa e ao mesmo tempo elegante como a autora interpretou os ricos diálogos dos jovens Sem-Terra, o que nos convida a realizar a leitura de seu livro com o prazer de quem descobre algo novo.